

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira (Orgs.) *Boletim Vida Escolar: uma fonte e múltiplas leituras sobre a Educação do século XX*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, 144 p.

**Iraíde Marques de Freitas BARREIRO\***

A publicação deste livro é um diferencial; seus cinco capítulos não se organizam em torno de um tema comum tratado pelos autores, mas sim em torno de uma mesma fonte de pesquisa, analisada em seus diferentes enfoques e ângulos, o que propicia múltiplas leituras da educação do século XX. A leitura apressada do título da obra pode dar a impressão de que a fonte foi dessecada pelo(a)s autore(a)s, não fosse a perspectiva crítica posta logo no primeiro parágrafo, na apresentação do livro, de que “o ponto de partida para se fazer história não são as fontes, mas os problemas e as perguntas que o(a) pesquisador(a) coloca ao passado e, conseqüentemente, aos vestígios que dele restam – as fontes”. Desse modo, a fonte *Boletim Vida Escolar* permanece em aberto e acolhe novos problemas e indagações na busca de compreender o passado e o presente.

Para melhor compreensão da problemática e abordagem de cada capítulo, farei uma breve descrição da fonte pesquisada pelo(a)s autore(a)s, o *Boletim Vida Escolar*. Composto por 34 números editados, em menos de dois anos na sua breve existência, e impresso na Tipografia do jornal *Folha de Lavras*, tem como autor e editor, o então diretor do Grupo Escolar, Firmino Costa, conhecido pelas funções públicas de secretário da Câmara Municipal e vereador na cidade. Filho de proprietário de uma loja de comércio trabalhou desde a sua juventude.

Atualmente, o Boletim está integralmente disponível no site <http://www.museu.ufla.br>. O Grupo Escolar foi inaugurado no dia 13 de maio de 1907 na cidade de Lavras, Minas Gerais, no conjunto das reformas empreendidas pelo governo João Pinheiro (1906) e em comemoração à libertação dos escravos. Seu diretor, Firmino Costa, apresentou o *Boletim Vida Escolar* como principal disseminador de seu pensamento, dos problemas enfrentados e das ações que os funcionários do grupo e ele próprio estavam a empreender.

A fonte pesquisada indica que o Boletim destina-se a prestar informações sobre a instrução da cidade de Lavras para torná-la conhecida e a fornecer notícias que interessem seu progresso, sem entrar em questões religiosas ou políticas, e guardará completo silêncio

---

\* Professora Doutora do Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Letras – Assis – Unesp – Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Assis – Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil e do Programa de Pós-Graduação em Educação - Faculdade de Ciências e Filosofia – Unesp – Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Marília, São Paulo, Brasil. E-mail: [iraide@assis.unesp.br](mailto:iraide@assis.unesp.br).

em relação a fatos reprováveis (p. 9). A festa de inauguração do Grupo Escolar é descrita minuciosamente no Boletim com a citação das funções e cargos das autoridades presentes e menciona a presença de 287 alunos, dentre os 408 matriculados.

O *Boletim Vida Escolar* não é uma “fonte inédita”, tendo sido explorado por outras pesquisas em artigos, monografias, dissertações e teses, que não passaram despercebidos. No entanto, este livro é resultado de novas questões acerca da fonte que arregimentaram novas pesquisas, apresentadas no seminário interno do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GEPHE) da Universidade Federal de Minas Gerais, realizado na Serra do Cipó, em 2007. Cada capítulo aborda diferentes questões pesquisadas na fonte pelo(a)s autore(a)s, tais como: quem era o leitor visado pelo Boletim; qual o repertório pedagógico de Firmino Costa, suas proposições para o ensino profissional entre fins do século XIX e início do XX; o que seria viver bem a vida escolar aos olhos do Diretor; o processo de construção da educação dos sentidos e a urbanidade do período. Agora, o desafio de sintetizar temas tão instigantes.

No capítulo primeiro “A quem se destinava o Boletim Vida Escolar?”, Ana Maria de Oliveira Galvão e Mônica Yumi Jinzenji buscam identificar o leitor do Boletim, o público-alvo, baseando-se no *texto* do impresso, em que se analisa o “ciclo” completo da edição, impressão, distribuição, venda e leitura. O *corpus* principal da análise foi os 34 números do Boletim, publicados entre maio de 1907 e novembro de 1908, além de outras fontes, como jornais. No decorrer do capítulo ao mesmo tempo que as autoras vão explicitando a trajetória de suas análises, indicam possibilidades metodológicas para o estudo de impressos. Fundamentadas em Darton (1990; 1992), concordam que a identificação do leitor é difícil por si só, pois não vivem mais e, portanto, outras estratégias de pesquisa são necessárias para se perceber como, o quê e por que liam ou que significados produziam baseados na leitura. Tais desafios remetem a novas questões acerca da fonte: Que tipo de leitor os autores dos artigos e o editor do Boletim tinham em mente? A quem interessaria a leitura do Boletim? A elaboração de um texto não está dissociada do leitor, mas “está presente no processo de construção do texto pelo autor, sendo elemento imprescindível para a sua constituição” (p. 19), é o tipo ideal imaginado pelo autor – o *leitor-modelo* (Eco, 1986). Ou seja, não somente “os leitores que o autor previa para seus textos, mas os leitores que procurava instituir”.

Inicialmente, as autoras levantam a hipótese de que o Boletim se destinava aos professores, alunos e seus pais, mas se indagam, se Firmino da Costa não teria outras pretensões, como elaborar e explicitar seu pensamento pedagógico e galgar postos importantes na burocracia educacional estatal. Na busca de respostas, as autoras montaram tabelas, com base nos dados do Recenseamento do Brasil de 1920, indicando a origem da população estrangeira do município de Lavras, a população por profissão, segundo o sexo e

com capacidade de leitura e escrita. Os dados indicaram que, na cidade de Lavras, 35,8 % dos homens sabiam ler e escrever, enquanto entre as mulheres este índice cai para 26%. Entre aquele(a)s que não sabem ler e escrever estão 64,2% dos homens e 84% das mulheres (p. 23).

As diferenças entre gêneros, quem sabe e não sabe ler e escrever, em si, já indica o leitor predominante – os homens. Quem são eles? Homens (possivelmente brancos) que ocupavam posições econômicas, sociais e políticas estratégicas na cidade e, também, no Estado de Minas Gerais. Conforme as autoras, em diversos momentos, o autor/editor explicita o suposto leitor do *Boletim Vida Escolar*, quando se dirige “aos conterrâneos”, “aos homens de valor”, “aos pais” e “aos professores”. Em seu estudo minucioso, apresentam (p. 29) uma tabela com referências explícitas aos possíveis leitores, na seguinte ordem: cidadãos de Lavras (48%); comunidade escolar em geral (15%); famílias de alunos do Grupo Escolar (11%); membros do Grupo escolar (9%) e governo do estado (8%). Concluem que a análise quantitativa dos textos não deixa dúvida de que os “cidadãos” de Lavras constituem o maior destinatário do Boletim.

Em relação aos temas tratados, o forte está relacionado à cidade de Lavras e às questões referentes ao Grupo escolar. Chamam a atenção do leitor deste livro alguns temas tratados pelo *Boletim Vida Escolar*, como a campanha contra o trabalho infantil, a defesa da obrigatoriedade da instrução primária, a responsabilidade dos pais pela educação dos filhos, a formação dos professores pelo método intuitivo e o ensino profissionalizante, os quais serão aprofundados nos capítulos subsequentes.

No segundo capítulo, “Firmino Costa e o *Boletim Vida Escolar*: a construção e circulação de um repertório pedagógico”, Juliana Cesário Hamdan e Luciano Mendes de Faria Filho analisam o Boletim como um veículo que deu visibilidade e colocou em circulação e prática o pensamento do educador. Como indicado acima, tratou de temáticas inovadoras e desafiadoras para o início do século XX, ao apropriar-se ativamente de ideias disponíveis na ambiência cultural, na qual o educador estava imerso. Por meio de estratégias discursivas e valendo-se da imprensa, prática comum na época, Firmino Costa buscava convencer o leitor de que estava colaborando para o êxito da reforma da educação no estado, ao mesmo tempo que colocava ações educacionais modernizadoras em prática, distintas daquelas em vigor. Arregimentou a elite da cidade para se congregarem em torno da causa insuspeita – a educação, com tanto vigor, a ponto da leitura de o Boletim ser recomendada a todos os professores no estado de Minas Gerais, pelo então Secretário do Interior e Justiça, Carvalho Brito.

O ponto alto das análises deste capítulo são as preocupações de Firmino Costa com a formação de professores. Propunha uma formação fundada na aquisição de conhecimentos e pela adoção do método intuitivo, como a melhor maneira de ensinar, pela

observação, experiência, estímulo e curiosidade, “deveria ser racional, prático e útil, e os alunos deveriam ser levados a entender e a apreciar tais características” (p. 67). Os alunos deveriam trabalhar nas oficinas, a criar um pequeno negócio e exercitarem o *tirocínio de caixeiro* e aprender “grande parte do trabalho de uma pequena casa comercial, o que lhes será muito proveitoso para o futuro” (p.67), o que o levou a tratar do ensino profissionalizante, tema do próximo capítulo.

Para tanto, os professores deveriam conseguir a atenção e a dedicação dos alunos por meio de uma prática criativa, atraente e animada; assim, os alunos se engajariam no próprio processo de disciplinamento e autogoverno (p. 67). Ao denunciar o que deveria ser rejeitado, diante da nova educação, na sua concepção visionária, defendia a criação de novos espaços educativos como museu, bibliotecas (criou a primeira biblioteca pública em Lavras), banheiros, salas iluminadas, carteiras, filtro e copos de água, lenços, gabinete dentário, de saúde, oficinas, laboratórios, entre outros.

Em “Pensar com acerto e trabalhar com método: o ensino profissional no *Boletim Vida Escolar*”, tema do terceiro capítulo, os autores Carla Simone Chamon, Irlen Antônio Gonçalves e Bernardo Jefferson de Oliveira realçam que o ensino profissional é analisado no contexto da escolarização no país, entre fins do século XIX e início do XX, com propostas de criação de escolas profissionais para os trabalhadores livres. Tais medidas decorrem da escassez da mão de obra escrava, agora mais onerosa, e pela dificuldade de mão de obra imigrante em se estabelecer em algumas províncias, como Minas Gerais, com a inclusão do ensino profissional pela reforma da instrução pública de 1906. Visto como elemento capaz de preparar o trabalhador nacional para alavancar a produção do país, deveria ser um componente a mais na nova organização dos grupos escolares.

Para Firmino Costa, o ensino profissional carrega consigo a virtude de doação do indivíduo; era o “saber trabalhar”; “dar-se ao trabalho sabendo praticá-lo”; era o exercício do “trabalho metódico” (p. 87). Desse modo, o ensino profissional nas escolas primárias se relacionava à ideia da formação útil a si e à sociedade. Porém, Firmino Costa procurava romper e ultrapassar a representação de que o ensino primário integrado com o aprendizado de um ofício estivesse destinado somente aos filhos dos pobres, operários e lavradores. Conforme dizia, “as virtudes do trabalho faziam do ensino profissional algo importante mesmo para aqueles que não seguiram as carreiras liberais” (p. 89). Não se tratava somente de convencer os leitores acerca da importância do trabalho, mas de tornar a escola primária em espaço legítimo para formar os alunos, futuros trabalhadores.

No quarto capítulo “Lendo o *Boletim Vida Escolar*: além do escolar, a vida, naquilo que a constitui”, Andrea Moreno e Eliane Marta Teixeira Lopes buscam compreender o que seria viver bem a vida escolar, aos olhos do diretor do Grupo Escolar e editor Firmino Costa.

Os textos de todos os boletins não deixam dúvida: “Viver bem era sempre do ponto de vista higiênico” (p. 99).

Ao descrever Lavras e o Grupo Escolar, afirmava que ambos estavam no caminho “correto” – do bem, do belo do saudável, do limpo, do forte e do justo, adjetivos qualificadores para a alegria e para a felicidade, que poderiam ser complementados pelas festas escolares, exercícios militares, corridas, quermesses, excursões, etc. Enfim, tudo o que poderia “fazer aspirar nesta casa uma atmosfera de alegria e de animação, sentimentos tão apropriados à infância, tão úteis à saúde do corpo e do espírito” (p. 99). Completava dizendo que “nova escola” deve “ser polida, justa, carinhosa, animada, atraente, prática”.

Porém, o diretor irrequieto, perspicaz e com senso do dever público, ao seu modo, não se preocupava somente com o “bem do espírito”, mas tratava da prevenção de doenças como a tuberculose, a sífilis, o lúpus, o sarampo, a coqueluche e até das cáries dos dentes. A escola bem iluminada e areada compunha as estratégias do bem viver. Certo de que “a profilaxia era a medicina do futuro” destaca o papel da prevenção a ser difundido pelos professores a partir do próprio exemplo. Na busca de proteger as crianças, sempre comemorou as medidas protetoras da infância criadas pelo poder público. “Ser feliz, ser saudável, ser educado, são imperativos de um tempo” (p. 110), afirmam as autoras; imperativos distantes da trama atual da educação, quando pensada na perspectiva de totalidade e inclusão.

Por último, “Cidade, escola e urbanidade na elaboração da relação entre professor e alunos no início do século XX”, Cyntia Greive Veiga analisa como o Boletim constrói a educação dos sentidos e a urbanidade, mais numa perspectiva de mestiçagem que de entrechoques. Estes elementos são fundamentais para a elaboração de novas relações entre os indivíduos e, particularmente, entre professores e alunos no processo civilizador. Identificar o papel de destaque atribuído ao Grupo escolar por Firmino Costa, como uma instituição integrante de uma vida urbana, com alterações de rotina e não alheia à comunidade. A autora apresenta as novas disciplinas pensadas para a instrução das crianças na formação de uma nova sensibilidade, como: Instrução Moral e Cívica, Exercícios Físicos, Trabalhos Manuais, Música Vocal. Entre outros conteúdos, previa-se a “leitura de historietas morais e atos de civismo para incutir sentimentos nobres” (p. 133), brincar em liberdade no pátio, realizar movimentos de marchas militares, etc. Firmino Costa incentivava manifestações de carinho e delicadeza como modos de relacionamento fundamental para a alegria de aprender dos meninos. Propõe, ainda, outro modelo para a relação professor-aluno, sem os castigos físicos disciplinares na busca de uma melhor disciplina e aprendizagem.

Enfim, a leitura do livro reafirma o quanto é relevante o estudo e as pesquisas de arquivos escolares e documentos pela visibilidade e importância que dão à História da

Educação. Ao mesmo tempo, as ideias e proposições de Firmino Costa ao conceber, propor e tratar a educação na perspectiva da integralidade para a formação do homem, levanta várias indagações, entre elas: Por que, após um século, ainda mantemos vários dos problemas educacionais e sociais apontados por ele?

**Recebido em 21/4/2012**

**Aprovado em 2/5/2012**